

A CRISE NA INFORMAÇÃO¹

Eduardo Ismael Murguia MARANON²

Vou falar sobre a crise da informação. Hoje em dia virou moda falar em crise: basta abrir o jornal, ligar a TV ou mesmo prestar atenção nas conversas familiares para que os acontecimentos, sejam políticos, econômicos ou cotidianos, sejam entendidos como uma grande crise. Esses acontecimentos foram filtrados através da lente da crise. A ciência e a filosofia, assim como todos os paradigmas da psicologia e da sociologia, de alguma maneira previram a crise. Isso é claríssimo quando se vê, por exemplo, a questão do estrutural-funcionalismo ou mesmo para a visão marxista. Qualquer embasamento teórico, seja de esquerda ou de direita, falou e ainda fala da crise. A crise está, assim, tanto nos livros científicos ou tratados filosóficos quanto nas conversas dos bares.

A crise se apresenta como desconcerto ante o presente, impotência ante o futuro e nostalgia do passado. Ora, se todos os pensadores se reportam à crise é porque a crise é um elemento constante na história. Por que, então, o auge da crise hoje? Temos a crise provocada pela violência urbana no dia-a-dia, a matança dos meninos de rua e dos favelados, etc. Temos crise também causada pela violência rural, a luta dos sem-terra, a crise no próprio governo, que se manifesta nas súbitas mudanças de ministros, os desacordos entre os poderes de Estado cada vez que se dá uma nova lei etc. Sem falar da crise moral, cuja causa é a impunidade que permite sonegar impostos.

Tanta crise assim demonstra que vivemos numa época de crise? Em primeiro lugar, a crise sempre existiu desde que o homem é homem. Sabemos muito bem que homem é um conceito ligado à

(1) Texto baseado em palestra proferida na IV Jornada Paulista, realizada em Jaboticabal, SP.

(2) Doutorando da Faculdade de Educação da UNICAMP

civilização: o homem só é homem quando interage com outros homens. Interação essa ordenada por certos princípios que regem processos. Dizemos, então, que o homem civilizado é o homem mais homem, isto é, diferente do animal. O processo em que o homem se diferencia do animal não é, contudo, ameno, dócil e sem problemas. Pelo contrário, é uma ruptura com a natureza, portanto, com a própria natureza do homem. Nesse sentido, é violento, é uma desestabilização, é crise. Quanto mais o homem avança e aperfeiçoa suas relações e seus instrumentos, mais ele provoca crise, porque mais ele se afasta de suas origens. O aperfeiçoamento de suas relações se dá na concretização dessas relações sociais, e o aperfeiçoamento dos instrumentos se dá na sua sofisticação. Meu ponto é esse: o homem e a civilização sempre estiveram em crise. Crise essa entendida como desconcerto entre os instintos e a razão.

A segunda questão se refere à banalização da crise. Os meios de comunicação desenvolvidos hoje nos bombardeiam incessantemente com a idéia da crise, fazendo dela o último dos espetáculos. *Show* que temos que assistir diariamente e, como *show*, a crise é criada pela mídia. Tal como qualquer outro show, a crise se apresenta na piada, encenada para ser apreciada por uma platéia. A crise é difundida com a linguagem da mídia, isto é, de forma rápida, fragmentada e imediata. A linguagem da mídia implica também em outro tipo de construção da mensagem e na apresentação dessa mensagem. Tudo isso leva a pensar que a crise é coisa de agora, última notícia, a mais quente, a última sensação, algo que nos invade como uma nuvem espetacular, isto é, como uma catástrofe. Catástrofe é natural, inesperada, sem explicação, sem causa, portanto de grande senso comum.

A crise tornou-se banal de tanto se falar em crise. Se é verdade que a crise sempre existiu, também é verdade que cada momento histórico apresenta um tipo de crise. Adquirindo suas especificidades dentro do próprio processo histórico, a crise encontra sua unidade em um devir histórico e sua diversidade em um conceito específico. Hoje já é lugar comum dizer que todas as esferas do social estão interligadas: a economia ou as relações de produção têm tudo a ver com as relações simbólicas ou culturais.

Em todas as épocas, a crise é sempre uma crise de percepção do espaço e do tempo. Crise de percepção, em um primeiro nível, no sentido do desencontro entre a maneira de perceber

a realidade e a maneira de conhecer a realidade. Uma sensorial e imediata; o conhecer é intelectual e mediatizado. Hoje, todo mundo sabe tudo sobre o buraco negro, sobre a teoria do big bang, etc. Sabemos tudo isso mas não percebemos. Nem tem jeito de perceber porque são grandes as novas tecnologias que conhecemos mas não percebemos.

A crise de percepção, em um segundo nível, é um desencontro entre diferentes tipos de percepção de uma época a outra, ou de uma classe social a outra. Assim, por exemplo, no século XV, época do Renascimento, houve um resgate da perspectiva, do volume, em suma da geometria. Os afrescos medievais, planos sem fundo, sem noção de perspectiva, são substituídos na Renascença por quadros de aparência tridimensional. Já no século XIX, a percepção do mundo é outra: há um deslocamento da pintura para o cinema. O estático é substituído pelo dinâmico, pelo movimento. O século XIX é o século dos trens e das ferrovias; os espaços e os tempos tornam-se mais curtos. O trem, o cinema do século XIX trazem uma nova percepção do tempo e do espaço.

Então, como se apresenta hoje a crise de percepção? Ela se apresenta como um desequilíbrio entre o real e o que percebemos dele. É verdade que esse desequilíbrio sempre se apresentou, mas hoje está acentuado pela rapidez com que os meios de comunicação veiculam os acontecimentos. O homem de hoje não interage mais com o mundo diretamente. A televisão é a janela da nova casa: ligamos a TV para ver o mundo. Inclusive as relações cotidianas de interação foram determinadas pelas novas tecnologias. Por exemplo, comprar via catálogo, correio eletrônico, fax etc. Hoje, a concepção do espaço temporal passa também pelos efeitos especiais, criados pela técnica. O homem fica sem saber com que mundo está lidando: o que é realidade e o que é realidade virtual.

Os efeitos especiais fazem da vida um espetáculo, sem os limites do que é real e do que é fantástico. Aqui espelha um foco de Baudrillard quando ele fala do hiper-real: não é mais necessário conhecer as coisas como são, pois mediatizadas via fotografia, via TV, vamos conhecê-las de um outro jeito. Por exemplo, eu imaginava que as figuras do Aleijadinho eram enormes, porque eu as tinha visto em fotografias; quando eu fui a Congonhas do Campo vi que as figuras eram em tamanho natural.

Então, existe realmente uma mudança entre os tipos de percepção através da mídia e a percepção natural. A informação direta é substituída pela informação indireta, isto é, aquela modernizada por um canal que a transforma. A TV transforma o mundo em imagem; da mesma forma o resumo transforma a pesquisa; a CDU transforma a língua em vocabulários controlados. Tudo vira informação, a ponto de se dizer que vivemos em uma sociedade de informação, a ponto de se reduzir a amplitude da existência à informação. Dessa forma, banalizamos também a informação e até a própria existência.

Assim sendo, contraditoriamente, não precisamos mais da própria informação. Do mesmo modo que essa imagem banaliza um conhecimento, a informação também banaliza o próprio conhecimento. O conhecimento acaba virando informação. Ora, o conhecimento é a abstração da relação do sujeito com o objeto. A árvore enquanto tal é materialidade. Essa árvore que vemos lá fora é material; podemos pegar, encostar, usufruir de sua sombra. Já o conhecimento que temos da árvore seja pela botânica, pelo urbanismo, pela ecologia, não é uma coisa que pegamos na mão, pois o conhecimento é uma operação de abstração, algo que passa pelo pensamento ou pelo sentido.

Pois bem, digamos, então, que o conhecimento é uma elaboração orgânica. Por quê? Porque é organizadora do real. A informação tal como é entendida pela Ciência da informação é apenas um indicativo do conhecimento, pois indica como um índice, um abstract. Se o conhecimento é sempre uma aproximação do sujeito ao objeto, lógico que a abstração, contraditoriamente, afasta o sujeito do objeto. O homem conhece desconhecendo, no sentido do poliedro: só vamos conhecer uma parte deste poliedro. Não existe apreensão plena do objeto pelo homem: o objeto é apreendido apenas em uma de suas dimensões. Isso por si só já é angustiante, crítico.

Ao mesmo tempo em que a tecnologia de ponta oferece todo o acesso possível ao conhecimento através dos indicadores (como o outdoor), contraditoriamente esse acesso possibilita também fragmentar ao infinito o próprio conhecimento. Daí que a Ciência da Informação é a exacerbação da abstração do parcelamento que já se via no conhecimento. Na medida em que informação é conhecimento do conhecimento, isso implica em uma dupla abstração. Na medida

em que informação pega só uma parte do conhecimento, ela contribui para desdobrar e distanciar a relação sujeito-objeto ainda mais.

Tudo isso contribui para desequilibrar a relação do homem com o mundo. A informação obtida de forma natural vai se reduzindo cada vez mais. A ênfase está dada hoje na informação mediatizada pelos canais de informação. As categorias-chave que permitiam ao homem se localizar no mundo cedem lugar à velocidade da informação. O homem, hoje, tem que aprender a perceber o mundo no ritmo que a velocidade impõe. Velocidade não só nas mudanças da tecnologia, mas na velocidade dos acontecimentos que essa mesma tecnologia propicia. Velocidade concedida pelos meios de comunicação apressam os acontecimentos que, então, tornam-se mais vertiginosos e mais velozes. A informação mediatizada, objeto da Ciência da Informação, já nasce veloz e exponencial. A dificuldade para lidar com a informação é a dificuldade de lidar com categorias básicas dentro de uma realidade fluida. A informação, portanto, é um novo modo de conhecer, que cria um novo conhecimento, repito, fragmentado, rápido, abstrato e parcial.

Uma outra questão muito importante e pouco convencional é percebemos a crise da informação como uma crise do excesso e não da falta. Normalmente, pensamos em crise como carência e não o contrário: será que sobra informação?! Nos últimos cinquenta anos foi produzida tanta informação que não sabemos mais o que fazer com ela. Se a informação perpassa todos os aspectos do social, ela também tenta deslocá-lo.

A informação gira hoje em dia em torno de si mesma, em um movimento circular, dependente de sua própria inércia. O crescimento continua sendo exponencial, no entanto, sempre achamos que é preciso mais informação. Informação, como qualquer outra mercadoria também pode ser estocada. Como ficam, então, nossas instituições, nossos paradigmas?

Em primeiro lugar, quero me referir à leitura; por que a crise da leitura?

Para começar, a escrita sempre foi um processo difícil. A escrita significa não só a abstração do próprio conhecimento, senão a abstração da própria língua. Além disso, a escrita é a representação gráfica do som. Paralelamente, a leitura significa domínio de um código - o código da escrita - para poder decifrar as mensagens que

a escrita veicula. Esse processo é tão difícil que mesmo tendo a escrita aparecido cinco mil anos AC, até agora a leitura não é um código que tenha sido dominado mundialmente. Isso ilustra o quanto a leitura sempre esteve em crise, agora mais visível por causa da concorrência com as imagens. Imagens que também remetem diretamente ao mundo real sem necessidade de muita abstração, como é o caso do *Windows*.

Hoje, a imagem em movimento educa tanto quanto o livro. Se isso acontece no mundo dos letrados, imaginemos no mundo dos iletrados, para quem o acesso ao conhecimento, mesmo que fragmentado ou ideológico, é facilitado pelos meios de comunicação. Continuar enfocando a questão com critérios moralistas - a leitura é boa, a TV é ruim - não elucida o tema.

E por que a crise da biblioteca?

Aqui também lembremos que a crise da biblioteca é a crise da percepção espaço-temporal e não uma crise causada pela ausência de livros ou de recursos humanos ou de salários ou mesmo crise da educação. A crise da percepção permeia todos esses sistemas. As antigas delimitações espaciais estão mudando; cada vez mais elas deixam de ser físicas para se tornarem imaginárias. As fronteiras políticas se abrem paralelamente aos mercados onde o capital flui livremente; um capital também mediatizado, aliás, pela informação.

Do mesmo modo, não são mais as bibliotecas que são consultadas, mas são as bases de dados, os dados da bolsa de valores, etc. Não se vai mais à biblioteca. A imagem em movimento a está substituindo. Assiste-se a um filme porque sua linguagem já é dominada por todos e disponível para todos, isso graças à TV. Isso se aplica também à educação. Não se trata de animar as instituições, sejam as bibliotecas ou escolas, com materiais alternativos que funcionariam como distração. As imagens em movimento devem ser vistas como fenômenos culturais plenos e autocontidos.

As bibliotecas não estão em crise pelo fato de que sejam poucas as pessoas que as frequentam - elas sempre foram restritas. Geralmente se pensa no século XIX ou nos países desenvolvidos como o tempo e o lugar do florescimento das bibliotecas, mas, mesmo assim, elas, nesse tempo e nesse lugar, foram restritas. A crise novamente de percepção! Pensar a biblioteca como um espaço cujo alvo seja exclusivamente a criação cultural é uma premissa muito

otimista, pois a cultura, incluída a chamada cultura erudita, se cria no cotidiano: na família, no cinema, na escola, no bairro, etc. Lugares nos quais as bibliotecas não podem e nem devem chegar.

A biblioteca não percebeu que a institucionalização não passa mais pelo espaço físico. A informação viva, útil, passa por outros canais que não são as bibliotecas. Aliás, por que será que a biblioteca se pensou sempre tão importante se a informação não ocupa nenhum espaço específico uma vez que permeia todos os espaços. À biblioteca fica reservado o papel de guardião de um tipo de conhecimento que se cristalizou numa obra, ou a informação que parou de circular de forma viva. Onde a semelhança de biblioteca com arquivo. A biblioteca deve ser vista como a memória cultural mas uma memória latente que possa se manifestar a cada consulta. A postura se manifesta nos fatos cotidianos, faz parte da cultura, da memória.

O processo de sobrevivência é retrato como expressão da memória. O homem é um ser memorial; ele tem necessidade de recordar, de lembrar, de registrar os acontecimentos. As bibliotecas só ganham velocidade para acompanhar a velocidade da cultura coletando o material que a cultura produz. A essência mesma da biblioteca é guardar a cultura. Inclusive a ação cultural na biblioteca é uma forma de manifestar a latência da memória guardada na biblioteca.

A biblioteca forma parte desse processo cultural, no qual tem uma função específica: qual é a memória? Não é a biblioteca isolada que faz cultura. Pelo contrário, ela se insere na cultura para poder criar cultura. Cada biblioteca deve sempre redimensionar-se à luz da cultura da velocidade. É princípio de maturidade reconhecer suas próprias limitações. A leitura e a biblioteca tem que encontrar o seu espaço não mais na perspectiva de querer ocupar todos os espaços, mas apenas nas esferas sociais para as quais foram criadas e das quais são expressão.

Tudo está em crise. Então, a banalização precisa ser discutida pois remete a um nada, vira mito. Da mesma forma que tivemos o mito progresso no século passado, os anos 90 falam do mito da crise. Tal como tínhamos visto, a crise é de percepção de uma época histórica que se desequilibrou ao se perceber a si mesma. Obrigado.